

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

3º capítulo - Política e comportamento judaico

3.1 O discurso antissemita e suas múltiplas expressões

Humanus ou a construção do antissemitismo

Saul Kirschbaum

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KIRSCHBAUM, S. Humanus ou a construção do antissemitismo. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 694-700. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

***Humanus* ou a construção do antissemitismo**

Saul Kirschbaum¹

O objeto da minha apresentação é uma revista anual intitulada *Humanus*. O primeiro número saiu em janeiro de 2000, o segundo em janeiro de 2001. A revista é ligada a uma entidade denominada Centro Espiritual Beneficente União do Vegetal, com sede em Campinas, SP. O que desperta o meu interesse é que, sem ser uma publicação judaica, a revista dedica a temas judaicos um número de artigos e um espaço que não se compara com qualquer outro vértice, excetuada a própria União do Vegetal.

Para não consumir todo o espaço disponível, vou citar apenas alguns poucos exemplos desta concentração da revista em judeus e judaísmo: no primeiro número, entre outros, o artigo *As grandes fraudes do século XX* (17 páginas) é dedicado a Freud e a Einstein; outro artigo, *O Ritual da Carne*, dedica amplo espaço ao subtítulo *O ritual Kosher*.

O segundo número, já na primeira contracapa, justapõe a citação de Alfred Rosenberg, identificado como ideólogo do nazismo: “Nunca neste mundo se alcançou algo grande sem entusiasmo”, à de Theodor Herzl, identificado como ideólogo do sionismo: “Se quiserem, isto não será um sonho”; o artigo *Ciência sem Consciência* trata da “(...) atitude dos cientistas que se envolveram nas pesquisas nucleares cujas consequências trágicas são bem conhecidas”, alusão óbvia à participação de Einstein no desenvolvimento da bomba atômica norte-americana; o ponto alto deste segundo número é o artigo *Sionismo x Nazismo – a semelhança dos opostos*, num total de 21 páginas; o artigo *Psicoterapia – uma forma de fugir de si* assinala que “(...) a psicoterapia, como se sabe, nasceu da psicanálise, cujo pai é Sigmund Freud. E a psicanálise foi uma proposta de cura de patologias psíquicas que não serviu para curar nem seu próprio fundador, uma vez que ele mesmo não conseguiu deixar de ser um cocainômano e um obsessivo sexual até o fim de seus dias.”; e assim por diante.

Esta presença maciça de assuntos judaicos é coerente com a participação de judeus no Conselho Editorial da revista: segundo a jornalista responsável, ela mesma e pelo menos 50% dos membros são de origem judaica; e talvez também indicie o porquê de a revista ter recebido cartas elogiosas de leitores judeus, como se vê na seção Cartas dos Leitores, no segundo número. Em consequência, parece oportuno abordar a revista num contexto de “*Identidade e Cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro?*”, temática central deste Encontro.

Entre tantos artigos a reclamarem uma leitura cuidadosa, acho merecedor de profunda reflexão o texto *Sionismo x Nazismo – a semelhança dos opostos*. A frase que o sintetiza é: “Se não são iguais, são bem parecidos”. O articulista propõe que “(...) aquele que conseguir lançar um olhar atento e sóbrio sobre o conflito será capaz de enxergar, por trás do mar agitado e tempestuoso da discórdia, o mais interessante fenômeno de espelhamento que pode se dar nas relações humanas. E chegará à conclusão de que o círculo violento só poderá ser rompido quando cada uma das partes começar a refletir seriamente sobre si mesma, ao invés de descarregarem nos outros seus problemas de consciência.” Tentemos, então, lançar um olhar “atento e sóbrio” sobre “o conflito”.

O articulista evita prudentemente manifestar qualquer simpatia pelos atos nazistas. Afinal, “(...) são conhecidas várias características negativas do nacional-socialismo. O fundo racista de sua ideologia, o recurso ao terror como forma de tratar os oponentes, as ideias imperialistas, tudo isso são aberrações condenáveis”. Porém, identifica o sionismo como sendo o outro polo de uma relação bipolar, e denuncia o funcionamento de uma indústria do Holocausto, que se dedica a promover a “(...) renúncia a uma compreensão satisfatória dos acontecimentos históricos, que se tornam totalmente absurdos e prontos para serem instrumentalizados demagógica e propagandisticamente. (...) foi em decorrência dela [isto é, a instrumentalização demagógica do Holocausto] que, no imaginário do pós-guerra, o nacional-socialismo se tornou o símbolo do mal radical e absoluto”. E remata: “E também a condenação do nacional-socialismo tem sido hoje usada como um escudo protetor capaz de esconder muita hipocrisia. Principalmente porque, através de uma inversão estrategicamente planejada, a acusação de nazista pode ser usada para desqualificar exatamente aqueles que procuram denunciar essa hipocrisia”.

¹ Doutorando em Língua, Cultura e Literatura Hebraica/USP.

O autor associa a presença judaica na elite financeira internacional, que em sua análise remonta à era dos primeiros passos do capitalismo, com o que considera o núcleo da ideologia judaica: “Foi então que o velho ressentimento, que havia muito rondava a mentalidade judaica, encontrou um eficiente canal de expressão prática. Pois aquela elite financeira logo percebeu que o poder do dinheiro tornava finalmente realizável um projeto latente no subconsciente judaico, e que sempre havia parecido apenas uma quimera: *dominar efetivamente o conjunto da sociedade gentia*.” [grifo meu] O sionismo, então, não é nada mais do que o braço político-militar encarregado da execução daquele projeto multissecular, tão longamente reprimido.

A questão de fundo, repito, é que o judaísmo é tão nefasto quanto o nazismo. As acusações levantadas pelos judeus contra os nazistas não diferem, em essência, das acusações que os nazistas brandiam contra os judeus. Generosamente, o articulista sugere: “(...) talvez seja o caso de se considerar se não seria mais inteligente e proveitoso realizar um sério exame autocrítico a fim de investigar se tais acusações não terão algum fundamento”.

Vejamos, pois, de perto em que consistem as “acusações” que pesam sobre os judeus:

O problema de origem consiste na importância dada pelos judeus à questão da “pureza racial”, somente comparável à importância que os próprios arianos deram à mesma questão. E isso remeteria a um formidável equívoco cometido pelos judeus em relação ao tema bíblico da “eleição”: “Os descendentes de Abraão não souberam compreender a sentença que (...) Jeová disse ao patriarca: que sua estirpe era escolhida entre todas”. Especificamente: o povo judeu estaria predestinado a receber o Messias, Divindade encarnada, portador de uma Mensagem universal, “(...) mensagem de conciliação que declararia todos os povos como filhos do mesmo Deus”. No entanto, “(...) os antigos hebreus interpretaram a ‘eleição’ em um sentido exclusivista”.

Agora o articulista salta até a Idade Média, para assinalar que “(...) milênios de imigrações, escravidões e privações” não tinham conseguido que os judeus percebessem a impossibilidade da “(...) ideia religiosa do povo eleito e sua tradução na ideologia da supremacia política. (...) ao que se sabe, não houve, por parte dos judeus, uma real tentativa de revisão das bases de sua fé”. Ao contrário, os judeus teriam trabalhado o sofrimento de forma absolutamente masoquista: “É isso que dá ao sofrimento o sabor de

um verdadeiro troféu entre os judeus, um troféu digno de ser lembrado por todas as gerações em todos os milênios”. Em consequência, os judeus, de forma totalmente espontânea, se isolam, étnica e socialmente, formando guetos. Esta tendência ao isolamento seria consequência da perplexidade dos judeus ante “... um paradoxo aparentemente insolúvel: o povo eleito (e supostamente superior) é ao mesmo tempo sofredor. E como podem sofrer os eleitos de Deus?”. Então, é natural que sejam rejeitados pelos cristãos: “(...) na Europa totalmente cristianizada, (...) pesava sobre eles a terrível acusação de deicídio e (...) era comum a crença de que se tratava de uma raça de adoradores do demônio e de feiticeiros, que envenenavam as fontes e raptavam crianças cristãs para imolá-las em suas reuniões.” E pouco mais adiante: “Em uma época eminentemente supersticiosa, em que a religiosidade determinava a maneira de pensar e agir, *é natural* [grifo meu] que essas representações dessem lugar a grandes e violentas perseguições, além de exclusões forçadas. À autossegregação espontânea dos judeus somou-se então uma forte segregação exterior, *em parte explicável pela primeira*”. [grifo meu] O que eu quero ressaltar neste trecho é a naturalização do preconceito contra os judeus.

Segundo a análise desenvolvida no artigo, a teimosia judaica, esta obstinação em não reconhecer a verdade do cristianismo e sua Mensagem universal de tolerância e fraternidade traz, como consequência inevitável, que agora os judeus são os únicos responsáveis por quaisquer tragédias que venham a sofrer. “É como se a História houvesse condensado em doze anos [o período nazista] todo o desenvolvimento milenar das tendências negativas do espírito judaico de modo a apresentá-las em uma imagem amplificada, que os judeus deveriam aprender a utilizar como instrumento de um doloroso mas necessário autoconhecimento”. Em outras palavras, o nazismo é a resposta lógica ao judaísmo, o Holocausto não passa de um instrumento pedagógico colocado por Deus nas mãos dos nazistas para que, finalmente, os judeus aprendam a lição.

O artigo *Sionismo e Nazismo* simula condenar o nazismo, mas, no mínimo, reconhece-lhe alguns méritos: ao falar dos terríveis problemas enfrentados pela Alemanha em consequência de sua derrota na I Guerra Mundial, conclui: “E foi essa situação o que tornou possível a ascensão dos nacional-socialistas, que prometiam a solução de todos os problemas sociais. *E o fato é que realmente conseguiram solucionar a maioria deles*” [grifo meu] e mal consegue reprimir uma simpatia, certamente ambígua,

pelo próprio Adolf Hitler: “Mas isso não significa que por trás do estadista violento e obsessivo não pudesse ainda haver algo digno de ser resgatado. O esforço de Einstein, e de todos os que se opuseram a Hitler (supondo que quisessem a paz) teria de ser no sentido não de destruí-lo mas sim de sensibilizá-lo até atingir algo do jovem pintor que demonstrava um anseio interior de paz e harmonia”. E: “Muitos dirão que esta atitude era impossível para Einstein, pois o nazismo não possuía nenhum lado bom. Responderemos então que nenhum movimento pode agregar tantos seres humanos se não possuir qualquer coisa de positivo”.

O artigo acusa os judeus de acalentarem, há séculos, um projeto para dominar efetivamente o conjunto da sociedade gentia, ou seja, o mundo; na verdade, os judeus já teriam implementado este projeto: “Durante séculos uma elite financeira de judeus esteve à frente das principais casas bancárias, não só alemãs como de toda a Europa, as quais tiveram na usura uma importante fonte de enriquecimento. Paralelamente (...) o poder político do capital financeiro havia gerado uma rede de influências de dimensões potencialmente mundiais. Composta preponderantemente por financistas judeus, essa rede de interesses pairava como um poder supranacional oculto por sobre todas as nações, que se submetiam secretamente a ela, quando não eram dominadas diretamente por seus representantes”.

As ideias expostas no artigo podem ser remetidas a uma obra que teve ampla disseminação na época em que foi publicada, o livro *The International Jew*, do notório antissemita Henry Ford e, a partir dele, aos *Protocolos dos Sábios de Sião*, cuja impressão e divulgação nos Estados Unidos foram patrocinadas por Ford de seu próprio bolso. Entre 1920 e 1922, Ford publicou no jornal *The Dearborn Independent*, órgão oficial da Ford Motor Co., uma série de artigos com o objetivo de “esclarecer a história e a natureza do judaísmo e do farisaísmo, desde os dias de Cristo” e denunciar “a manipulação, pelos judeus, dos negócios internacionais”, com vistas à “dominação do mundo”. Cada artigo era epigrafiado por uma citação dos Protocolos, e o sexto artigo lhe era inteiramente dedicado: *Uma Introdução aos “Protocolos Judaicos”*.

Assim, a ideia de que a segregação dos judeus na Idade Média fosse espontânea, originada dentro das próprias comunidades judaicas, está exposta no ensaio *Victims or Persecutors?*, capítulo 3 do livro. A ideia de que o povo judeu entende a “eleição” como um mandato para buscar o domínio do

mundo pode ser encontrada no mesmo ensaio; igualmente, a ideia do domínio judaico mundial, do supergoverno sobre todas as nações do mundo, é o tema do ensaio *The world's foremost problem*, capítulo 13 do livro.

Acho importante observar que esta aproximação entre a revista *Humanus*, os *Protocolos dos Sábios de Sião* e *O Judeu Internacional* de Henry Ford revela uma coincidência alarmante: A marca particular dos Protocolos não está nas acusações que fazem aos judeus. Na verdade, as alegações de que os judeus conspiram pelo domínio mundial, manipulam as finanças internacionais, controlam os órgãos de imprensa, etc., começaram a circular desde a Revolução Francesa. No início, as acusações eram dirigidas contra os maçons; com o passar do tempo, foram redirigidas para os judeus. O que sim torna os Protocolos uma peça única no arsenal antissemita é o fato de que são apresentados como textos escritos *por judeus*. Como todos sabemos, seriam atas de sessões altamente secretas dos “Sábios de Sião”, reunidos para desenvolver e implementar os planos judaicos de dominação mundial. Ora, como vimos antes, Lidia Carmeli, jornalista responsável pela *Humanus*, em resposta à carta de um leitor, esclarecia: “(...) eu, a jornalista responsável pelo anuário, sou de origem judaica, e pelo menos 50% dos membros do Conselho Editorial também o são, conforme se pode notar por seus sobrenomes, publicados no Expediente”. Ou seja, estamos de novo diante de *textos escritos por judeus*, repetindo-se a estrutura dos Protocolos². Por mais evocativa do fenômeno de “auto-ódio” que seja essa associação entre judeus e sobrenomes, a questão de saber se esses “sobrenomes” correspondem a pessoas físicas reais, com RG e CPF, é secundária. Mesmo que sejam pessoas reais, efetivamente de “origem judaica”, isto não é nenhuma garantia de que tenham percebido o real conteúdo dos textos que endossaram. E também fazem parte da história judaica os muitos casos de convertidos”, como Torquemada, fundador da Inquisição Espanhola, que, ao deixarem de ser judeus, fizeram contra os judeus o que poucos nazistas ousaram fazer.

Wânia Milanez é diretora da União do Vegetal e da revista *Humanus*; ela escreveu diversos livros para divulgar as doutrinas da entidade e as muitas virtudes do chá Oaska, que estão à venda até mesmo nas livrarias da Edusp. Um desses livros, Oaska, o Evangelho da Rosa, contém uma

² Agradeço à Dra. Eva Landa que, em comunicação pessoal, indicou essa semelhança estrutural entre os *Protocolos dos Sábios de Sião* e a revista *Humanus*.

preciosidade que eu vou me permitir transcrever. Entrevistando o mestre geral da União do Vegetal, Wânia pergunta:

“– Mestre, o que significa essa estrela amarela de cinco pontas que a UDV usa?” E o mestre responde:

“– Em primeiro lugar, estrela só existe uma, e tem cinco pontas. Com menos ou mais pontas, não é estrela. Pode ser uma figura geométrica composta de dois triângulos entrelaçados ou outra qualquer, mas estrela não é. Estrela, só de cinco pontas³”.

Todos nós sabemos que a Estrela de David, em tempos bíblicos, não era símbolo religioso, apenas um objeto decorativo. Mas retirar dela o conteúdo simbólico imposto pelo nazismo é negar à vítima até mesmo a dignidade de sua condição de vítima. É ofender a memória de quantos pereceram em assassinatos de massa, justificados por motivos étnicos ou religiosos. Partindo de uma entidade que se diz “Centro Espiritual Beneficente”, e da qual participam tantos judeus, esta postura enfatiza a urgência e a importância de debatermos as questões de *Identidade e Cidadania*, procurarmos entender como se expressa o judaísmo brasileiro.

³ MILANEZ, Wânia – *Oaska: o Evangelho da Rosa*. 6 edição. Campinas: Sarna, 2001, p. 200. (1º edição: 1988)